

# Jornada de Psicologia

## Suporte Psicológico no Pós-Acidente Aeronáutico

Primeiro-Tenente QCOA PSO Fabrícia Barros de Souza | Primeiro-Tenente QCOA  
PSO Luciana Toaiari Scarlatelli Coelho | Segundo-Tenente QCOA PSO Livia  
Cardoso Junqueira Botto | Segundo-Tenente QCOA PSO Vanessa Vaz Santos  
Segundo-Tenente QCOA PSO Juliana Guimarães de Oliveira  
::: Instituto de Psicologia da Aeronáutica (IPA) :::

### Introdução

Em decorrência de uma série de desastres, sejam eles naturais ou tecnológicos, a área de gestão de crises vem se desenvolvendo no Brasil. Esse contexto de emergências e desastres constitui-se como uma área multidisciplinar, na qual a Psicologia vem inserindo-se gradativamente, com o intuito de fornecer suporte psicológico aos vitimados.

No âmbito do Comando da Aeronáutica, pode-se destacar que o impacto causado por um acidente aeronáutico vai muito além das perdas materiais e humanas. Quando o desastre acontece, as consequências psicológicas podem fazer com que as vítimas sofram prejuízos emocionais intensos, com danos à sua saúde física e mental. Considerando o significativo papel desempenhado pelo trabalho na vida das pessoas, como fonte de sobrevivência, de identidade, de pertencimento e de apoio social, é de se esperar que os efeitos de um acidente, neste contexto, afetem não apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas toda a comunidade do local de trabalho.

Dentre os efeitos do acidente, podemos destacar o adoecimento psíquico, que pode se manifestar de

diversas formas e acaba por comprometer, de modo significativo, a vida familiar, social e profissional daquele que adocece.

Considerando, portanto, que a ocorrência de um acidente pode afetar, significativamente, a rotina dos indivíduos e organizações, ressalta-se a importância de se estabelecer medidas para prevenir o adoecimento relacionado ao evento traumático, para acelerar os processos normais de recuperação e para restabelecer a rotina das atividades.

Atualmente, a atividade de Suporte Psicológico no Pós Acidente Aeronáutico vem sendo desenvolvida continuamente, sendo realizada sob demanda da Organização Militar (OM) afetada pelo acidente.

### Desenvolvimento

#### Considerações conceituais

De acordo com Franco (2012, p. 55), o desastre é:

*Uma ruptura séria no funcionamento de uma comunidade ou sociedade, causando extensas perdas humanas, materiais, econômicas ou ambientais que excedem a habilidade dos afetados em utilizar seus recursos de enfrentamento.*

Teoricamente, pode-se distinguir os desastres entre naturais e tecnológicos, por conta das características específicas de cada um.

O acidente aeronáutico é classificado como um desastre tecnológico, com aspectos peculiares: há poucas chances de sobrevivência; a ocorrência do evento pode ser muito rápida, porém o resgate e a identificação dos corpos podem ser muito demorados e envolve a ativação dos sentidos como a visão do acidente, o cheiro do material e o barulho decorrente do acidente.

O desastre produz uma crise, definida por Franco (2005, p. 178) como “a interrupção em um estado previamente normal de funcionamento, que resulta em instabilidade e significativo desequilíbrio no sistema.”

A crise advinda de um acidente aeronáutico é caracterizada pela interrupção da rotina, perdas (familiares, colegas de trabalho, materiais, emprego...), possíveis hospitalizações e homeostase psicológica rompida. Com isso, configura-se a exigência abrupta de uma nova configuração de vida por parte dos afetados.

As condições do acidente, aliadas às características pessoais dos envolvidos, definem se o evento é vivenciado de forma traumática. De acordo com Franco (2005, p. 178), o trauma é “uma ruptura no tecido vivo, causado por um agente externo, como resultado de uma cirurgia, um ato violento, um desastre.” Conceitualmente, pode-se distinguir dois aspectos do trauma: individual e coletivo. O trauma individual consiste em um ataque ao psiquismo, que destrói defesas da pessoa tão forte e repentinamente que não é possível responder com eficácia à situação. Por outro lado, o trauma coletivo abrange o ataque aos tecidos da vida social, atingindo os vínculos interpessoais.

O processo traumático é caracterizado por uma sintomatologia complexa, como descrita pela *American Psychiatric Association* (1994 apud FRANCO, 2005). O fator mais pregnante consiste na persistência do acontecimento traumático, a qual pode se expressar de maneiras diferentes: memórias recorrentes ou intrusivas, agir ou sentir como se o evento traumático estivesse acontecendo novamente e/ou como se a pessoa falecida estivesse viva, podendo incluir a ocorrência de

alucinações. Em contrapartida, reações de evitação também são comuns após a vivência de um evento traumático. As evitações podem dirigir-se a situações, pensamentos, conversas, lugares ou pessoas que, de alguma forma, estão associadas ao trauma.

Como resumem Hodgkinson e Stewart (1998, apud FRANCO, 2005, p. 179):

*As reações típicas ao trauma se apresentam como intensa angústia diante de situações que lembrem o momento traumático, ou mesmo algum aspecto referente a ele; reação fisiológica diante desta exposição: ansiedade, sensações físicas, sensação de pânico; diminuição do interesse e participação nas atividades rotineiras; sensação de estranhamento diante das outras pessoas, retraimento e isolamento; inabilidade para fazer projetos e medo de morrer.*

É importante salientar que esses sintomas tendem a variar de acordo com o momento do evento traumático. Didaticamente, pode-se pensar que há uma fase de impacto, logo em seguida à ocorrência do acidente; uma fase de recuo, quando as atividades de socorro e resgate são finalizadas e, por fim, um período pós-traumático, quando as atividades rotineiras vão sendo retomadas. No momento inicial, predominam sintomas de desorientação, altos níveis de ansiedade, negação, limitação na capacidade de pensamento e ação, redução da capacidade de atenção, concentração e amnésia. Na fase de recuo, fortes reações emocionais podem ser observadas: luto intenso, ódio, culpa, raiva, responsabilidade, depressão, risco de suicídio, necessidade de relatar as experiências e dificuldade de planejamento futuro. Por fim, o período pós-traumático é caracterizado, prioritariamente, pela persistência de memórias dolorosas (*flash backs*), acompanhadas de altos níveis de ansiedade e hipervigilância, que constituem-se indicadores de estresse.

## Intervenção psicológica

O primeiro passo para a intervenção psicológica em um pós-acidente aeronáutico militar é a realização de uma análise das dimensões e características do desastre. Essa análise deve considerar, entre ou-

tras informações, o número de mortos e feridos e a função, concreta e simbólica, que as vítimas desempenhavam na OM. Para isso, é interessante que os profissionais que atuam em situações de crise tenham uma visão da extensão do acontecimento sobre o público atingido pelo evento.

São consideradas vítimas primárias os possíveis sobreviventes do acidente. As denominadas vítimas secundárias incluem familiares e amigos das vítimas primárias. As terciárias referem-se aos profissionais que atuam diretamente no acidente, como, por exemplo, bombeiros, enfermeiros e médicos. Por fim, as vítimas quaternárias incluem toda a comunidade mobilizada pelo desastre. Tendo clareza dessa configuração, o psicólogo possui mais recursos para planejar ou ao menos gerenciar suas intervenções.

De uma forma geral, o papel do psicólogo na intervenção de emergência permite identificar as pessoas em risco para o desenvolvimento de quadros patológicos, oferecer suporte e, se necessário, realizar encaminhamento para profissionais especializados. Dessa forma, o psicólogo pode contribuir para a prevenção ou atenuação de transtornos psicológicos decorrentes do trauma.

Na fase de impacto, o objetivo principal desse suporte é reduzir o estresse agudo causado pela eclosão do evento, auxiliando o retorno do equilíbrio do funcionamento cognitivo. Essa restauração cognitiva é essencial, inclusive, para que o afetado possa entender as informações que lhe estão sendo passadas, assim como responder a perguntas que auxiliem, por exemplo, o contato com alguma pessoa que ele gostaria que estivesse com ele, ativando assim, os sistemas de apoio, que contribuem para a recuperação dos afetados, como destaca Franco (2005).

A organização de tarefas simples e práticas pode contribuir para o aumento da capacidade de resposta do indivíduo, convidando-o, gradual e solidariamente, a sair da condição de vítima para retomar sua capacidade de ação e protagonismo no mundo e, ainda, favorecer o restabelecimento das funções cognitivas.

A atividade de suporte psicológico demanda em-

patia por parte do profissional para propiciar uma escuta ativa, encorajando os afetados a construir uma narrativa sobre os fatos ocorridos, o que facilita a organização subjetiva do sujeito. A construção de uma relação de confiança entre profissional e afetado, na qual este sintá-se seguro, é fundamental para a realização desse tipo de trabalho. Além disso, são necessárias ao profissional uma boa capacidade de comunicação, flexibilidade e criatividade para agir em uma situação imprevista, completamente distinta do *setting* clínico tradicional do psicólogo.

É importante salientar o cuidado que os profissionais, inclusive os psicólogos, precisam ter no sentido de identificar-se com a atividade e, uma vez estando nela, saber respeitar seus próprios limites, pois é um contexto de sofrimento explícito, pelo qual os profissionais também podem ser afetados de tal forma a não mais conseguir contribuir.

## Conclusão

A atuação da Psicologia em situações de crises e emergências é um campo em desenvolvimento, necessitando ainda de pesquisas e aprofundamento teórico. Apesar desse caminho a percorrer, as intervenções psicológicas em desastres têm certamente sua contribuição em um momento em que o sofrimento humano se impõe de maneira irrevogável. O Instituto de Psicologia da Aeronáutica (IPA) empreende uma busca continuada pela atualização teórica do seu efetivo, especialmente, nesta área do saber que encontra-se em fase de solidificação.

Com isso, o IPA objetiva o estabelecimento de ações que atenuem o impacto psicológico do acidente, através do planejamento prévio das atividades de gerenciamento de crise, incluindo-se a previsão das ações de pronta resposta quando confrontada com um acidente e as necessárias intervenções pós-acidente, com objetivo de auxiliar os indivíduos a lidar de forma adaptativa com tal evento, o que pode facilitar um retorno saudável ao trabalho.

## Referências

FRANCO, M.H.P. (2005). Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática. Estudos de Psicologia, 10(2), 177-180.

FRANCO, M.H.P. (2012). Crises e desastres: a resposta psicológica diante do luto. O Mundo da saúde, São Paulo, 36 (1): 54-58.

## Autora



Segundo-Tenente QCOA PSO  
Lívia Cardoso Junqueira Botto